

**O canto do galo, o pouso da mosca:
esboço de exclusão em Manuel Lopes e Graciliano Ramos**

Maria Luzia Carvalho de Barros¹

RESUMO: O texto pretende abordar o fenômeno da fome a partir da literatura, tendo como objetos estéticos os contos “Galo cantou na baía”, de Manuel Lopes, e “Um ladrão”, de Graciliano Ramos, e como referencial teórico as observações feitas pelo geógrafo pernambucano Josué de Castro.

ABSTRACT: This text aims to address the phenomenon of hunger from the literary perspective. In order to do so, it considers both short stories "Galo cantou na baía", by Manuel Lopes, and "Um ladrão," by Graciliano Ramos, and, as a theoretical support, it lies upon the contributions of the geographer Josué de Castro, from the Brazilian province of Pernambuco.

PALAVRAS-CHAVE: Fome; Marginalidade; Contos do século XX

KEYWORDS: Hunger; Marginality; 20th century short stories

“É-lhe indiferente estar preso como solto.”²

Famosa é a frase de Graciliano Ramos citada em epígrafe, na qual o escritor alagoano expõe seu sentimento de indiferença acerca da liberdade ou da falta dela. Podemos relacionar esta indiferença ao fato de o autor ter vivido a experiência da prisão por duas vezes em sua vida ou, ainda, à infinidade de tragédias pessoais que vincaram seu padrão

¹ Mestranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. Contato: luuzeabarroshotmail.com

² Graciliano Ramos. “Auto-retrato aos 56 anos”, in *Cartas*, Rio de Janeiro: Editora Record, 1982. Última capa.

de pensamento. Neste trabalho procuraremos relacionar tal sentimento de “mundo prisão” a um momento específico da história brasileira: o Estado Novo de Getúlio Vargas. Também estenderemos o olhar à conjuntura social do Arquipélago de Cabo Verde, que vivia sob regime colonial. O que havia de comum entre estas duas regiões era o fato de viverem um momento particular de opressão, quando palavras como *privação* e *liberdade* ganham novos aspectos e intensidades.

Os autores selecionados para este trabalho são o cabo-verdiano Manuel Lopes com seu conto “Galo cantou na baía”, publicado originalmente em 1936, e o próprio Graciliano Ramos, com o conto “Um ladrão”, publicado em 1939. Percebe-se, assim, que o conto brasileiro se insere no período em que o governo de Getúlio Dornelles Vargas já havia se estabelecido como ditadura e já se apresentava como excludente e opressor, enquanto o conto de Cabo Verde pertence ao período em que o arquipélago era colônia de Portugal que, por sua vez, estava sob o comando de António de Oliveira Salazar, estando, assim, duplamente oprimido, por tratar-se de uma colônia e por ser regido conforme os desmandos de um ditador. Acrescente-se a isso o fato de ambas as regiões aqui tratadas estarem submetidas aos efeitos de um momento muito peculiar da história da humanidade: o período entre guerras, de intensas crises, incluindo a primeira grande crise alimentar do século XX. No caso específico de Cabo Verde, esta crise se apresenta ainda mais profunda, pois o arquipélago havia passado recentemente por mais uma grande seca e estava atravessando as consequências da falta de abastecimento alimentar de sua população.

A proximidade entre as datas de publicação e a fatia social retratada nos dois contos faz-nos acreditar que o exercício comparativo entre as duas ficções é possível e oportuno, embora as duas regiões estejam, no momento da publicação, vivendo regimes e condições sociais bastante distintas. Nas duas narrativas as ações se passam durante uma noite, quando os protagonistas estão executando uma tarefa ilícita: um contrabando em Cabo Verde e um roubo a uma residência no Brasil. Embora fossem muitas as razões que levaram os

personagens a arriscarem sua liberdade com transgressões, acreditamos que uma motivação se destaca: a fome. Vejamos um excerto do conto de Manuel Lopes:

... e nesses vaivéns ligeiros e contínuos passavam os dias menos negros, mesmo sujeitos do pó de carvão, porque não faltava cachupa no fogareiro da família. (LOPES, p. 29)

Tal reflexão é atribuída pelo narrador à personagem de Jul'Antone, ilhéu de São Vicente que viu seu sustento e de sua família se extinguirem juntamente com as atividades portuárias e, por essa razão, está principiando na atividade de contrabandista na noite narrada pelo escritor cabo-verdiano.

Já no conto brasileiro temos o ladrão principiante que pretende invadir uma casa com o objetivo de executar alguns furtos. Não tendo um plano de ação, ele vai improvisando seus passos, porém, mesmo antes de entrar na residência, uma preocupação lhe toma: para que lado seria a porta da copa? Acreditamos que, se não estivesse faminto, sua primeira preocupação seria com objetos de valor, mas a fome o mobilizava:

À medida que avançava a frase repetida voltou e logo surgiu o sentido dela. Bem. A perturbação diminuía. O que não tinha importância era saber se a porta da copa ficava à direita ou à esquerda da sala de jantar. Ia levar talheres? Hem? Ia correr perigo por causa de talheres? Mas pensou num queijo visto sobre a geladeira e sentiu água na boca. (RAMOS, 1985, p. 23)

Podemos perceber neste trecho que é a fome que determina o vetor de seu caminho, pois ele questiona a importância de objetos, mas não de alimentos.

Parece-nos, assim, que o sentimento mais contundente que ocupa os pensamentos dos dois protagonistas e guia seus gestos é menos a preocupação com o desdobramento futuro da ação, tanto para o possível sucesso quanto para o fracasso da iniciativa, e mais a necessidade de se alimentar. Acreditamos que não seja um detalhe pouco relevante das narrativas o fato de os protagonistas serem vítimas da fome.

Segundo Josué de Castro, a fome é, a um só tempo, motivadora de transformações sociais e barreira para as mesmas, pois, se por um lado ela impele o homem que busca aplacar sua fúria a abrir mão de diversos padrões morais, por outro ela reduz a força combativa dos indivíduos. Vê-se, então, o caráter complexo que este fenômeno social porta. O geógrafo pernambucano também distinguiu dois matizes da fome, aos quais chama fome aguda e fome crônica. A primeira é caracterizada por ser epidêmica, com características de catástrofe, quando toda uma população fica sem alimentos, como vimos nos relatos sobre a população do Haiti após o terremoto que arrasou o país em janeiro de 2010. A imprensa se empenhou em mostrar cenas chocantes de pessoas lutando por um pouco de alimento. Este tipo de divulgação comumente afeta a opinião pública e sensibiliza as pessoas; é uma fome muito perceptível. Mas há a outra fome, que Castro nomeou fome crônica ou, ainda, fome oculta, talvez mais perigosa do que a aguda, justamente por trazer o traço de permanecer longe dos nossos olhos por anos a fio e não mobilizar a sociedade. Esta fome é responsável por um estrago ainda maior na comunidade em que se instala, pois ela camufla a subnutrição por meio do consumo de alimentos de má qualidade nutritiva, o que, naturalmente, vai exaurindo as forças dos indivíduos e eliminando suas potencialidades, além de abrir passagem para uma infinidade de doenças que chegam com a carência alimentar. Conforme aponta Josué de Castro:

Não só a fome total, a verdadeira inanição, que os povos da língua inglesa chamam de *starvation*, fenômeno em geral limitado às áreas de extrema miséria e às contingências excepcionais, como o fenômeno muito mais frequente e mais grave, em suas consequências numéricas, da chamada fome oculta, na qual, pela falta de determinados princípios nutritivos indispensáveis à vida, grupos inteiros de populações se deixam morrer lentamente de fome, apesar de comerem todos os dias. (CASTRO, p.70)

Talvez possamos nos referir aqui a uma personagem bastante conhecida de nossa literatura: a Macabéa, de *A hora da estrela*, última

obra de Clarice Lispector e que foi definida pela própria autora como a “estória de uma moça tão pobre que só comia cachorro-quente”³, em referência à pobreza alimentar de sua personagem. A história de Lispector mostra como, mesmo após a migração — principal esperança de Jul’Antone, como veremos adiante —, a fome permanece na vida da personagem, apenas sofrendo a mutação de aguda para crônica, conforme definição de Castro, ou seja, Macabéa continua faminta apesar de comer.

Nas narrativas escolhidas, parece-nos ser sobretudo no potencial transformador que a fome prefere interferir. A predisposição dos indivíduos para mudar sua realidade é frágil; assim, as iniciativas transgressoras ganham ares de derrota, mesmo antes de concluídas. Se na ficção brasileira o ânimo do protagonista se alterna entre vitória e derrota, deflagrando pouca firmeza em suas atitudes, na ficção de Cabo Verde sequer se nota tal ímpeto; nela, o protagonista não tem iniciativa, apenas espera para participar de um ato ilícito que também não foi elaborado por ele. Esta postura de pouca disposição e eficácia para transgredir e transformar minimamente suas respectivas realidades parece representar os efeitos da fome, crônica ou aguda, conforme define o geógrafo pernambucano que assim a denuncia:

Se, em sua atuação desequilibrante do comportamento humano, a fome aguda tende a determinar, de preferência, a exaltação anormal do espírito, a fome crônica tende a provocar depressão e apatia. É que os indivíduos que sofrem de fome crônica perdem em pouco tempo o apetite, a sensação de fome, e se desfazem desta forma do aguilhão que com mais intensidade impulsiona o homem à atividade. (CASTRO, p.123)

Com efeito, este parece ser o caso do protagonista do conto de Manuel Lopes, pois, durante toda a narrativa, Jul’Antone não vê perspectiva; suas reflexões são quase todas pautadas pelo passado, as imagens de alegria construídas estão ligadas às antigas atividades de Porto Grande, quando ele encontrava maneiras de garantir o alimento

³ Em entrevista concedida à TV Cultura em 1977.

de sua família. O presente é para ele como uma bolha, em que não faz diferença o que faça. Nem mesmo a ação ilícita da qual participa passivamente na noite da narrativa lhe sugere alguma mudança, constituindo-se em gesto sem objetivo. Quando pensa no futuro só há uma resposta: a fuga. Talvez seja oportuno colocar que a expressão “fuga” no lugar de “partida” sugira que a sensação de estar preso já é presente ao personagem. Mesmo não estando entre as grades, não está livre. Além disso, a ideia de fugir surge como uma resposta cheia de reticências, dado que o personagem não vai além com seus planos, não imagina um meio de viabilizá-los, nem se mobiliza, voltando logo em seguida a rememorar seu passado, sempre em tom de lamentação. O conto de Manuel Lopes traz ainda outros personagens neste estado de passividade, de dormência em vigília. São eles: Guida, esposa de Jul’Antone, a mãe desta e alguns passageiros do barco *Grinalda*, que porta a mercadoria que será contrabandeada. Assim, o conto é pontilhado por personagens parados, mas que não conseguem dormir; o ritmo da narrativa é lento e as ações custam a se efetivar, parecendo retratar uma comunidade em estado de subnutrição, como o descrito por Josué de Castro. Até mesmo a embarcação *Grinalda* parece reproduzir o ritmo ao qual nos referimos:

O cúter mal se movia, as velas bambas desmanteladas pela calmaria, os arcos espancando no mastro, a portinhola da escotilha tamborilando. Mais vale tempo ruim que calma, repetia de si para si Jom Tudinha, agastado porque as coisas não estavam de feição. (LOPES, p.35)

Assim, a noite é longa, as horas escoam devagar, criando, para o leitor, um compasso de espera um pouco angustiante. Apenas no final da narrativa, quando o protagonista é preso, o ritmo se altera, mas este acontecimento é conduzido por outro personagem, em condições bastante distintas dos demais. Trata-se de guarda Tói, que goza de prestígio como compositor de música e representante do Estado opressor. Acreditamos não ser precipitado concluir que, para esta personagem, a fome e a pobreza são menos severas que para os demais.

Assim, Jul'Antone, ao portar um galo para uma possível refeição, finda por alardear o contrabando, pois o galo canta e chama a atenção do guarda. A narrativa salta, então, da noite do contrabando para um festejo no bar da Salibânia, onde o guarda paga uma rodada de sanduíches aos presentes a fim de comemorar o contrabando apreendido e, talvez, aplacar os ânimos da comunidade:

–... Outra rodada de sanduíches — pediu guarda Tói, no dia seguinte, no reservado da Salibânia, para os companheiros: quartos de pão, com rodelas de linguiça de Santo Antão. (LOPES, p. 43)

Apenas uma voz fez lembrar a família e o caráter do novo prisioneiro. É a voz de Griga, que fala a favor de Jul'Antone, mas logo é abafada pelos demais do grupo; Griga é tachado de estraga-prazeres e chega a ser retirado do bar, para que não interferisse no momento festivo.

Já no conto de Ramos o ritmo é mais rápido, a personagem do ladrão movimenta-se bastante pela residência que pretende roubar, parecendo mesmo ter certa facilidade para cumprir seu objetivo. Mas o protagonista parece andar em círculos, assim como sua consciência; ele sofre diversas alterações de humor, seus movimentos dão um passo adiante e logo recuam:

– Tem de ser. Repetiu a frase para não recuar. Apesar de ter alcançado o meio da escada, achava difícil continuar a viagem. E se alguém estivesse a observá-lo no escuro?... Desgostou-se por estar vacilando, perdendo tempo com miudezas. (RAMOS,p.27)

Mas logo o ânimo se altera:

Tolice prestar atenção às marchas das baratas na parede e ao apito do guarda na rua. Nada daquilo era com ele, estava livre de perigo. Livre de perigo. Se a tosse voltasse, abafá-la-ia mordendo a manga. Temperou a garganta, baixinho. Tranquilo. Tranquilo e com fome. (RAMOS, p. 32)

E mais uma alteração de humor:

De repente assaltou-o um desejo besta de rir, riu baixo, temendo engasgar-se e tossir de novo. Sacolejou-se muito tempo, e a sombra dele dançava na luz que se espalhava no soalho. (RAMOS, 1985, p. 33)

Vemos que o ânimo da personagem se altera com certa frequência, sem que algo efetivo ocorra para justificar sua alteração, indo do medo de ser preso à sensação de plena liberdade, para, logo depois ser surpreendido por um sentimento de súbita alegria. Apenas uma sensação se faz frequente e permanece por quase todo o conto: a fome, conforme os trechos:

Bem, a porta da copa, um buraco negro, ficava à direita, como ele tinha suposto. Vira um queijo sobre a geladeira dois dias antes. ...Realmente não tinha fome. Sentia uma ferida no estômago, mas a boca estava seca. Encolheu os ombros. Estupidez arriscar-se tanto por um pedaço de queijo. (RAMOS, p. 26)

Acreditamos poder relacionar estas alterações de humor tanto à situação arriscada em que o ladrão se lançou quanto à própria condição de faminto, pois, como já citamos acima, Josué de Castro aponta a fome como um fator desequilibrante do comportamento humano.

Antes do final da ficção o narrador relaciona o personagem a uma mosca, pois ele deseja beijar uma moça que dorme e fica dando voltas em torno dela; na verdade, acreditamos que as emoções do ladrão durante sua permanência na residência em muito se assemelham ao voo caótico e desordenado de uma mosca, subindo e descendo, entrando e saindo, batendo nos móveis à procura de migalhas para se alimentar. Quando finalmente pousa seus lábios nos da moça, alardeia sua presença e é preso. O narrador finaliza a ficção dizendo que o beijo estragou a vida da personagem. Acreditamos que o gesto tresloucado de beijar a moça possa estar relacionado com a vida precária do protagonista, sendo para ele compensatório se arriscar com aquele impulso; ou, ainda, demonstra pouca preocupação com o risco de perder a liberdade, pois talvez seu sentimento fosse o de que já não a tivesse.

A prisão dos dois personagens é um ponto de convergência no desfecho das narrativas, as vozes dos protagonistas silenciam dentro da prisão, já não são mais ouvidas pelos leitores, como antes não eram ouvidas por suas comunidades. As lembranças do passado de Jul'Antone permanecerão apenas com ele, os receios e as intenções do ladrão também, mas antes da prisão suas necessidades também eram ignoradas pelo meio. A fome, assim, se apresenta como aliada dos sistemas opressores, diminuindo os impulsos e fragilizando os indivíduos, ou ainda: “*É-lhe indiferente estar preso ou solto*”.

Referências bibliográficas

CASTRO, Josué de. *Geopolítica da fome*. 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 1968.

LOPES, Manuel. *Galo cantou na baía e outros contos*. Lisboa: Edições 70, 1984.

RAMOS, Graciliano. *Cartas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.

RAMOS, Graciliano. *Insônia*. 20. ed. Rio de Janeiro/São Paulo, Record, 1985.